

A história contada nas telas da TV:

A invenção do Cangaço através da minissérie Lampião e Maria Bonita

Raysa Carolinne Sobreira da Silva*

Sônia Meneses (orientadora)**

Este trabalho pretende investigar a produção de sentidos e personagens históricos a partir das minisséries, para isso nos debruçamos no estudo da produção “Lampião e Maria Bonita” de 1982, produzida pela Rede Globo.

Para Cláudio Cardoso de Paiva, as minisséries e telenovelas devem ser compreendidas dentro do contexto da globalização e da indústria cultural crescente a partir dos anos 70/80. Tais produtos surgem se desprendendo do modelo norte-americano de produção assumindo indústrias culturais locais.

Nesse sentido, o autor coloca a importância desse estudo sobre as produções seriadas. Considerando que principalmente as telenovelas têm sido objetos para muitas pesquisas, a minissérie ainda é um estudo novo, embora ela tenha trazido desde o seu surgimento, temas históricos imponentes que muito tem a acrescentar no estudo da mídia televisiva, afirma Paiva:

[...] Logo, as minisséries brasileiras, há mais de 20 anos, têm contribuído para a configuração do que alguns autores filiados à tradição dos estudos culturais têm chamado de pós-colonialismo. Isto é, após um século de “dependência”, passando de metrópole em metrópole, conquistamos uma especificidade no contexto das culturas híbridas da América Latina que destinge uma particularidade no contexto das Américas. (PAIVA, 2001, P. 02)

* Aluna do Curso de Graduação em História da Universidade Regional do Cariri-URCA

** Profa. Dra. Universidade Regional do Cariri-URCA

Ao recontar um passado, as minisséries históricas têm como base micro-histórias, no sentido de se amparar numa biografia, que faz como que os elementos dessa produção se articulem. Nesse sentido, essa abordagem micro é quem vai dar um aspecto de continuidade das cenas, além de construir os fatos mais dramáticos da trama, e de como o telespectador vai reagir a eles e aos demais elementos que essa produção irá trazer, perpetuando o imaginário e também a identidade que a mesma acaba construindo em cima daquela história.

[...] Através do artifício das micro-histórias, a minissérie revela estruturas e códigos sociais de um determinado lugar e época, fonte e forma de aliança ou conflito entre o tradicional e o novo. Diante do telespectador, descortinam-se hipóteses de como teriam se configurado alguns mais recônditos da vida íntima das personagens, atualmente, um dos campos de maior interesse para a história social. (TESCHE, 2006, P. 02)

Vale ressaltar que, segundo o pensamento de Adayr M. Tesche, a minissérie não tem compromisso em recriar a realidade histórica, mas ela sugere maneiras de recontar essa história e conseqüentemente amplia o campo para discussão na História.

Outro estudo sobre o tema é o da jornalista e Mestre em Comunicação, Micheli Machado. Em seu artigo sobre Minisséries Históricas: dispositivos midiáticos mediadores entre fatos e personalidades históricas e a sociedade contemporânea, a autora chama a atenção para como as minisséries da TV Globo, produzem sua narrativa a partir da mediação entre o histórico e contemporâneo.

Para ela, uma minissérie histórica nos mostra um fato histórico com outros olhos, como se surgissem uma nova possibilidade de olhar para o passado. Micheli acrescenta que esse tipo de abordagem torna a história mais interessante, além dos relatos dos livros didáticos. Mas mostra que é preciso conhecer os elementos que vieram antes e depois dessa produção.

[...] Uma excelente contadora de história é a televisão. Com seu jogo de imagem e cenas, ela permite visualizar personagens

e cenários de uma época sem precisar sair de casa. Talvez por causa da magia e da facilidade de acesso oferecida por esse veículo de comunicação, a televisão acabou se transformando no meio de informação e entretenimento mais utilizado pelos brasileiros. (MACHADO, 2009, P. 02)

Nesse sentido, a televisão é um importante meio para contar uma história, no entanto, vale ressaltar que uma produção seriada mesmo que seja histórica, é feita a partir da visão contemporânea do autor. Nela podemos identificar vários elementos atuais, se considerarmos a lógica da mídia televisiva que tem a intenção de prender o telespectador e fazer com que se sinta parte daquela história.

Um dos temas recorrentes nesse tipo de produção é o Nordeste. A partir da minissérie *Lampião e Maria Bonita (1982)*, muitas produções foram realizadas construindo representações sobre o Nordeste. Vale lembrar que não só as produções seriadas, mas a mídia televisiva como um todo, ajudou na construção de uma imagem sobre Nordeste, que serviu para criar algumas representações universais sobre o tema muitas vezes presa apenas a alguns estereótipos.

A minissérie revisita os mitos, as tradições históricas e o regionalismo nordestino, com seus elementos audiovisuais, suportes primordiais para sua construção. E é nessa vertente que muitos estudos se concentram e nos ajudam a pensar como essas produções são feitas a partir de temas da história e de como as mesmas podem contribuir para que se construa uma identidade e se perpetue no imaginário dos telespectadores, como se de fatos eles tivessem revivendo a história contada nela.

O cangaço tem sido um dos assuntos mais abordados por ela. Sua história já foi (re) contada de diversas maneiras exaltando suas contradições e mitos que foram construídos sobre o mesmo. Nesse sentido, a mídia televisiva encontrou maneiras de apresentá-lo, seja de maneira caricatural, romântica ou heroica o tema se tornou um grande gerador de narrativas e um produto constantemente revisitado pelas produções televisivas.

Não se sabe ao certo, o porquê desse tema ser tão recorrente nas produções midiáticas da TV Globo, mas o que vale salientar é tentar perceber como é construída a narratividade do evento.

A primeira produção sobre o tema foi à minissérie “Lampião e Maria Bonita”, exibida do dia 26 de abril a 05 de maio, do ano 1982. Escrita pelos autores Aguinaldo Silva e Doc Comparato, tendo a direção de Paulo Grisoli, contendo oito capítulos. Esta obra reformulou a dramaturgia da Tv Globo. Inaugurou uma trilogia nordestina de produções em minisséries. Posteriormente em 1983, os autores lançaram “Bandidos de Falange” e em 1990 foi a vez de “Padre Cícero”, que encerra essa trilogia. Vale lembrar que, houve uma pesquisa histórica antes de ser produzida, mas não deixando os elementos de ficção fora da trama.

A minissérie surgiu como um novo formato de produção da mídia televisiva. Difere-se dos demais folhetins por seu enredo possuir uma história fechada, ou seja, o início, meio e fim já delimitado pelo o autor, assim fica mais difícil da história ser modificada ao longo da exibição, dependendo da reação do público, como se é percebida nas tele novelas. Além disso, se desprende das séries norte- americanas que até então eram exibidas.

A partir dessa produção, muitos trabalhos retrataram o cangaço como tema principal de suas tramas ou como uma espécie de apoio, ao se falar do Nordeste. Como se, a construção da identidade do Nordeste não pudesse ser realizada sem citar o cangaço.

“Lampião e Maria Bonita” retrata os últimos momentos do bando de lampião, com tensões e conflitos que naquele momento estavam cada vez mais fortes. Com o sequestro do geólogo inglês Steve Chandler, a embaixada inglesa e o governo, oferecem recompensa para quem souber de pistas sobre o paradeiro do bando. Dentro da trama ainda, há o sumiço de Maria Bonita, o que deixa o clima ainda mais tenso. A volante de Zé Rufino acaba descobrindo que os cangaceiros estão na fazenda de Manoel Severo e é lá que Lampião e Maria Bonita são mortos.

No cenário contemporâneo, outras produções trataram o cangaço de maneira mais leve e até divertida. A novela “Cordel Encantado”, exibida em 2011, contou a vida dos cangaceiros com fascínio, apaixonantes e divertidos.

Nessa vertente, o Cangaço chama atenção não somente pelo o que foi em sua época, mas pelo o que ele representa na contemporaneidade, sobre tudo como ele tem sido alvo dessa mídia que na maioria das vezes, recorre a ele para contar e ajudar na construção do espaço Nordeste e suas histórias.

Ao tratar da mídia televisiva abordando um fato ou personagem histórico, deve-se levar em conta a sua narratividade. É preciso salientar que, a televisão desempenha um espaço social importante, que atinge um alto índice de telespectadores. Sendo assim, ela constrói imaginários e identidades, considerando a sua função no âmbito cultural.

Nesse sentido, o Prof. Dr. Adayr M. Tesche em seu artigo sobre a Mídia e a História da História nas minisséries da TV Globo, mostra como o recorte temático, montagem e estruturação da narrativa são fundamentais para a construção de uma minissérie histórica, além de todos os elementos semióticos que a mídia televisiva dispõe. (sons, imagens, luz, movimento, cor, entre outros). E também o seu modo de fazer com que o telespectador acredite no que está sendo mostrado ali, separando realidade de ficção.

[...] Este modo como a narrativa televisiva compõe fragmentos de História desafia-nos a refletir sobre a função cultural da narrativização em geral, como uma intimação do impulso psicológico que move o desejo não apenas de contar, mas de dar aos próprios eventos um aspecto de narratividade. (TESCHE, 2006, P. 01)

O aspecto da narratividade faz com que aquela história ganhe um caráter verídico, assim quem está assistindo tem a sensação de está realmente inserido dentro daquele contexto abordado. Por isso, é tão importante o estudo minucioso da narrativa televisiva.

Se compreendida dentro de uma lógica da narrativa televisiva, considerando autor, direção e elenco, a minissérie histórica pode contribuir para entendermos as

várias vertentes que uma história pode ser (re) contada e interpretada, além de termos a noção de como essa história atinge o público.

No entanto, não deve ser vista como uma verdade consolidada, como muitos telespectadores compram essa imagem tida como verídica, mas como uma produção de ficção baseada em um fato ou personagem histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TESCHE, Adayr M. 2006. **Mediatização da história nas minisséries da Globo.**

PAIVA, Claudio Cardoso. **As minisséries brasileiras: Irradiações da latinidade na cultura global. Tendências atuais de produção e exibição na indústria televisiva.**

DICIONÁRIO DA TV GLOBO, 2003.

POMA, Larissa Ferreira; VIÉGAS, Rosemari Fagá, 2009. **As minisséries na TV Globo: Da literatura à televisão**

MACHADO, Micheli, 2009. **Minisséries Históricas: Dispositivos midiáticos mediadores entre fatos e personalidades históricas e a sociedade contemporânea.**

CANCLINI, Nestor Garcíá, 2002. **Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação.**

ROMANCINI, Richard. **História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa.**

SITE: **Memória Globo.** <http://memoriaglobo.com>